

Proletários de todas as nações - Uni-vos!

AVANTE!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA (S.P.C.)

PELA FRENTE ÚNICA PROLETÁRIA! Aos Camaradas da C.G.T., Autónomos, Socialistas e sem filiação partidária ou sindical:

A ditadura clerical-fascista acaba de entrar no período mais terrível da sua dominação. Bloqueada entre a crise capitalista e a falência dos processos corporativos, só lhe resta o agravamento da repressão como solução transitória das dificuldades que se lhes deparam.

A resistência que o povo português, faminto e explorado, lhe opõe, ela responde intensificando a miséria e a violência.

A vontade de viver dos trabalhadores de Portugal, a ditadura responde com a prisão, as torturas, as violências mais inauditas.

Agora mesmo se apresenta a deportar para Cabo Verde os melhores militantes comunistas, anarquistas e anti-fascistas duma maneira geral.

Enquanto proclama os «direitos» dos trabalhadores, esmaga-os no aniquilamento de todos os seus efectivos direitos económicos e políticos, ao mesmo tempo que favorece os grandes proprietários, industriais e capitalistas.

Vivem-se em Portugal os dias mais cruéis da opressão salazarista.

Contudo, não fica aqui o quadro das desgraças que oprimem Portugal.

Lá longe, mas aproximando-se com extraordinária velocidade, vem a guerra, essa monstruosa guerra que o capitalismo acha como solução única das suas dificuldades insolúveis. E Portugal, que não tem nada que ver com essas lutas dos grandes tubarões imperialistas, prepara-se para a guerra a todo o transe.

Prepara material, prepara homens e prepara consciências.

São as grandes despesas de rearmamento (fala-se já num imposto de rearmamento), é a preparação em massa dos oficiais milicianos de 10 classes (1926-36), é toda essa campanha de chauvinismo patriótico-imperialista que se arrasta para aí em conferências e jornais.

Mas o povo português não quer a guerra, como não quer a fome, a incultura e a opressão. O Povo português quer Paz! Quer pão e cultura! Quer Liberdade!

O Povo português sente-se estranho aos interesses dos organizadores das guerras, como se sente alheio aos interesses dos que exploram nos campos e nas fábricas.

Os trabalhadores portugueses sabem, pois, lutar contra a guerra como lutam contra a exploração capitalista e contra o fascismo.

Porém, 10 anos de luta deram-nos ensinamentos preciosos. Mostraram-nos que é impossível marcharmos para a vitória desunidos.

É necessário pormos claros os nossos objectivos imediatos, ver como eles se identificam e trabalharmos unidos, concordes como irmãos que somos na grande família proletária.

Camaradas da CGT, Autónomos, Socialistas e sem filiação partidária!

O Partido Comunista Português não vos vem falar na fusão das vossas organizações ou partidos. Ainda que estejamos convencidos que num futuro mais ou menos próximo toda a grande família proletária há de chegar, depois da luta em comum, a esclarecer todas as particularidades tácticas ou outras em que divergimos, ainda que o Partido Comunista Português não abdique da sua luta independente e procure fortalecer essa luta, chamando às suas fileiras quantos estão de acôr-

do com os estatutos da I.C. e aceitam as decisões do seu VII Congresso — não é agora o momento de, fraternalmente, esclarecermos as nossas posições ante a Revolução Proletária.

Há qualquer coisa que nos é muito mais urgente: a luta pelo derrubamento do fascismo, a luta contra a guerra assassina e destruidora, a luta pela amnistia aos nossos presos.

Por isso, chamamos à unidade de esforços, à concentração de todas as forças proletárias que podem e devem unir-se naqueles organismos de luta que pelos seus programas e constituição permitem abraçar, sem qualquer melindre possível, os trabalhadores de todas as tendências.

Lutemos todos unidos como um só homem para o derrubamento do fascismo. Vitalizemos, pois, a Frente Popular em que cabem todos os inimigos da opressão clerical-fascista!

Lutemos contra a exploração patronal e as más condições de trabalho que o fascismo corporativo nos impõe!

Auxiliemos e apressemos a fundação da Confederação Geral do Trabalho Única, em que cabem todos, anarquistas, Comunistas, autónomos, socialistas e sem organização, pois lutará contra a ofensiva patronal, o fascismo e guerra, na base da luta de classes e da democracia sindical, livre de qualquer preocupação partidária!

Arranquemos ao Fascismo-Clerical a Amnistia para os nossos presos!

Favoreçamos com todos os nossos esforços o Comité Nacional Pró-Amnistia!

Unidos, seremos invencíveis! Que nos inspirem os exemplos dos nossos camaradas espanhóis e franceses!

O Partido Comunista Português.

CONTRA O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO NO TARRAFAL, TUMULO DOS ANTI-FASCISTAS Novas violências no presídio de Angra!

A ditadura a clerical-fascista acaba de mostrar mais uma vez a hipocrisia miserável em que assenta toda a sua política, a demagogia desonesta em que assenta a sua «política de verdade».

Proclamou aos quatro ventos, em jornais e discursos, a sua magnanimidade, a clemência que a sua força lhe dava. Anunciou a amnistia.

Que se verifica, porém? Quem é amnistiado? Saem, por acaso, das prisões, os anti-fascistas presos, há anos, sem culpa formada? Saem os que cumpriram, há longos meses e até anos, as suas condenações? Saem os que sofrem injustas condenações o têm a sua saúde aniquilada para sempre, devido às torturas da Polícia de Informações, ao Galeão, aos espancamentos dos guardas, às masmorras em que os encerraram? Saem os jovens cujo fim é pedirem trabalho, porque querem viver, os que querem ter um lar e não o podem ter?

Foram libertados os operários que defendiam, nos seus sindicatos, o seu direito à vida, os camponeses que não queriam ser mais desuma-

namente explorados?

Soltaram-se os anti-fascistas de qualquer matiz ideológico (comunistas, anarquistas, socialistas, republicanos) que tinham lutado por um Portugal livre, por um Portugal que não fosse uma contemplação pasmada das «virtudes cívicas», mas uma expressão de justiça, liberdade e bem estar, que merecem quantos trabalham nos vários sectores da vida nacional?

Não. Nada disso se fez. A amnistia, que não representa uma dádiva da Ditadura mas uma conquista da luta revolucionária do Partido, do S.V.I., da Federação de Solidariedade da C.G.T., C.G.T. e da C.I.S., que foi obtida em virtude da pressão exercida pelo ambiente pró-amnistia existente em Portugal e pela Solidariedade Internacional que em França e em Espanha se tem notado — a amnistia foi uma burla. Veio procurar paralizar a unidade anti-fascista, autorizando a entrada no país (o que é diferente de soltar das prisões) de alguns anti-fascistas.

Assim, a ditadura clerical-fascista

procurava jesuíticamente dividir a Frente Popular, mostrando aos elementos, porventura hesitantes, que a Ditadura ia entrar numa nova fase de indulgência para os inimigos considerados não indesejáveis. Desta forma, a Ditadura criava uma plataforma de conciliação, pensando que os anti-fascistas regressados ao país, venderiam a sua liberdade de consciência pelo prato de lentilhas da sua entrada em Portugal.

Salazar enganou-se, porque não enganou ninguém. Claramente se viram os objectivos da sua política tortuosa.

A ilusão de indulgência que pretendia semear, desvaneceu-se e mais nitidamente se patentearam os seus desígnios: amnistiou os traidores a Portugal que haviam de país estrangeiro atacado Portugal (os Eças de Queiroz do Secretariado, os Alexandres de Albuquerque deputados, os traidores das incursões monárquicas), os que tinham feito revoluções monárquicas, os Rolões Pretos

(Continua na 6.ª página)



O 1.º DE MAIO

Dezenas de bandeiras vermelhas desfraldadas! Milhares de manifestos difundidos!

Apesar de os provocadores fascistas se utilizarem de manifestos diversos, de discursos, de conferências, de artigos na imprensa, etc., para ludibriarem os trabalhadores portugueses, o 1.º de Maio deste ano veio mais uma vez demonstrar que o proletariado das cidades e dos campos odeia o fascismo e a guerra e está disposto a lutar contra eles.

As ameaças, veladas ou descaradas, não conseguiram demover a disposição revolucionária de milhares de trabalhadores que, a exemplo dos anos anteriores, não trabalharam no dia 1.º de Maio. Os camaradas gráficos de Lisboa, em especial, mantêm essa tradição revolucionária.

Em vez da festa demagógica que os fascistas promoveram em Barcelos (obrigando os trabalhadores que ali foram a pagar as despesas de deslocação), os trabalhadores antifascistas, filiados e não no Partido Comunista, desenvolveram em vários pontos do país uma intensa agitação e propaganda contra a guerra e o fascismo. Dezenas de bandeiras vermelhas flutuaram ao vento no topo de edifícios — alguns oficiais — e noutros pontos, neste 1.º de Maio.

Em Torrões Vedras foram editadas várias dezenas de protestos que os trabalhadores enviaram às autoridades. As paredes das ruas da localidade, bem como de outras localidades vizinhas, apareceram

repletas de inscrições com as palavras de ordem do nosso partido. Os retratos dos dois carrascos dos trabalhadores portugueses — Carmona e Salazar — foram rasgados, na Escola primária «O Camponês», publicado pelos nossos camaradas de Torrões, esclarecia as massas camponesas, em especial, do significado do 1.º de Maio e publicava as suas reivindicações.

Devemos ainda salientar a agitação levada a efeito na vila de Peniche, onde os nossos camaradas colocaram várias bandeiras vermelhas, uma das quais na Capitania do Pôrto e outra na Escola Industrial; a grande agitação entre os camponeses de Sobral de Monte Agraço; e um importante levantamento de camponeses em Torrões Novas.

Em muitas outras localidades, os nossos camaradas deram provas de grande actividade, distribuindo manifestos, fazendo inscrições murais e realizando campanhas de agitação entre as massas trabalhadoras.

Caminhando cada vez com mais ardor no caminho da realização da unidade sindical e da Frente Popular anti-fascista, nós, estreitando os laços que nos unem às mais vastas camadas populares de todo o país, faremos as condições necessárias para que, no próximo 1.º de Maio, possamos, como os nossos irmãos da Espanha, da França e de outros países, comemorar condignamente tão gloriosa data.

Comemorando a vitória eleitoral do P.C. Francês

No dia 14 de Junho comemorouse, em Paris e em Lille, a vitória eleitoral do P.C. Francês. Em Paris, entre os vários oradores que tomaram a palavra no imenso velódromo Buffalo, onde se encontravam reunidas várias dezenas de milhar de comunistas, Vaillant-Couturier leu o seguinte juramento, e pedido por toda a assistência:

«Ao serviço do Povo!»

«Nós, eleitos e militantes do Partido Comunista Francês, juramos lutar pela grandeza do Povo do nosso país e pela defesa do proletariado internacional.

«Nós, eleitos e militantes do Partido Comunista Francês, esaxos inteiramente consagrados ao serviço das massas laborais reunidas na Frente Popular para a conquista do Pão, da Paz e da Liberdade.

«Entusiasmamos com alegria sob a disciplina do nosso Partido, confiantes na sua irresistível marcha para a frente, e juramos tudo fazer para a união da nação francesa, para realizar uma França livre, forte e feliz — como a querem e hão de fazer os comunistas.»

No discurso pronunciado em Lille, no mesmo dia e pelo mesmo motivo, Maurice I. Horz, Secretário do P.C. Francês, disse entre outras coisas: «O método de ocupação das fábricas, empregado pela classe operária, impressionou a burguesia. Não foi cometido nenhum estrago; a classe operária sabia bem que as fábricas por ela ocupadas hão de ser brevemente propriedade sua. Falou-se em ilegalidade (das greves, N.B.), Não. É, sim, a nova legalidade que se forma.»

EM ESPANHA

Os camaradas anarco-sindicalistas marcham para a unidade com os comunistas e socialistas!

«Vimos aqui, os que nos mantivemos em lutas bizantinas e estupidas com a U.G.T., para dizermos: O PASSADO MORREU. HÁ QUE ESQUECE-LO PARA PODERMOS ENTENDER NOS NO PRESENTE.»

«Vui desaparecendo o CONCELTO, IMPLISTA DE QUE UMA MINORIA PUSSA REALIZAR A REVOLUÇÃO. Esta têm de a fazer as multidões e é necessário entregarmo-nos à tarefa de a organizar, tendo como ponto de partida a união de todos os trabalhadores.»

«O fascismo procura atrair a C.N.T., fazendo-lhe ver o perigo de uma ditadura marxista.

«Não obstante, nós dizemos que, a termos de escolher entre um Estado proletário e o regime fascista, a escolha não é duvidosa. Jamais poderemos encontrar-nos no nosso caminho com os fascistas, e se não houvesse outra razão para chegar à união do proletariado, o só facto de que ELES PROCURAM DISTANCIAR-NOS DOS NOSSOS IRMAOS MARXISTAS seria razão poderosa e suprema para que nós BUSCÁSSEMOS A APROXIMAÇÃO e a aliança.»

(Jornal «Claridad» de 25 de Maio)

Estas palavras de um verdadeiro revolucionário, de um anarquista para quem a causa do proletariado está acima de todas as divergências ideológicas ou incompreensões do passado, foram pronunciadas pelo camarada Ballester, delegado da C.N.T. ao conício de unidade sindical realizado em Cadiz em 24 de Maio em que também falou o camarada Largo Caballero, que fez um grande discurso em favor da unificação do proletariado nas «Alianças Operárias».

É assim, pela compreensão mútua, pelo reconhecimento da necessidade de unificação do proletariado para derrotar o fascismo, que os trabalhadores de todas as ideologias construirão o socialismo, não em proveito dum partido mas no de todos os que trabalham.

«A propaganda escrita anti-marxista que a U.N. iniciou em 18 de mês corrente e pretende intensificar em todo o país através da sua organização, foi orientada em determinado sentido e o seu máximo entendimento só se atingirá quando executada metódicamente por todos os elementos que nela cooperem.

Assim na distribuição dos manifestos que está sendo feita, de vez em quando, ter em vista o que sobre o assunto foi dito na Circular n.º 1633/46.

«...cumpre aproveitar todos os esforços e boa vontade das pessoas afectas ao Estado Novo, de modo a que alcance o maior número de inimigos e indiferentes, devendo evitar-se o mais possível a afixação dos manifestos nas paredes. Pretende-se uma distribuição pessoal, isto é, uma distribuição semelhante à dos manifestos de propaganda comunista.

«Devem, pois, as Comissões Concelhias empregar nessa distribuição os filiados da classe operária ou aqueles filiados que habitualmente vivem nos meios frequentados pelos operários.

«Nesta data é pedida às autoridades administrativas toda a colaboração necessária ao bom desempenho do encargo que tenho a honra de solicitar do patriotismo e da dedicação dos membros das Comissões Concelhias.

«Mais rogo a V. Ex.ª se dignar comunicar a Comissão Executiva toda e qualquer reacção que porventura venha a notar-se, com a distribuição dos manifestos nesse Concelho.»

COMO SE FABRICA A VERDADE...

Dirigimos às inteligências livres do país a cópia da circular fornecida confidencialmente à imprensa portuguesa pelo Secretariado de Propaganda Nacional, a fim de que possam avaliar até que ponto os homens que dirigem os destinos de Portugal pretendem abusar da boa fé dos portugueses, mentindo-lhes descaradamente por meio duma propaganda injuriosa para prejudicarem o avanço social dum povo que deseja acima de tudo a Liberdade e o bem estar social.

As notas a que a circular se refere já vieram publicadas no «Século» e no «Diário de notícias» e estão sendo actualmente publicadas em todos os jornais do país.

S. R.
Secretariado de Propaganda Nacional

2.ª Secção
Serviço de Informação e Imprensa
Exm.º Snr.
Chefe de redacção de.....

Verificando-se a oportunidade política de dar o MAIOR RALEVO AOS AGONTECIMENTOS DE ESPANHA, que podem servir tanto de exemplo como de aviso AOS ELEMENTOS DO NOSSO EXERCITO E DA NOSSA BURGUESIA, tanto envio a V. Ex.ª essas duas notas QUE CONVENM PUBLICAR COM TODO O DESTAQUE.

Aproveito o ensejo para LEM-

BRAR A CONVENIENCIA de que as notas ou informações enviadas por este Secretariado não sejam publicadas REVELANDO-SE A SUA ORIGEM e de que se procura mesmo DAR-LHE SEMPRE UMA REDAÇÃO LIMPOUCO DIVERSA, para não se REPETIREM INTEGRALMENTE, em todos os jornais.

A Bem da Nação
Secretariado da Propaganda Nacional, 22 de Abril de 1936

O Chefe dos Serviços de Informação e Imprensa

a) Artur Maciel
Mais circulares...

Cópia da Circular da Comissão Executiva da União Nacional às Comissões Concelhias, enviada em 18 de Abril de 1936 com o n.º 1636/46

«Não querendo a União Nacional permanecer indiferente perante a clandestina propaganda comunista que se tem verificado em muitos pontos do país e tendo em consideração o grave momento internacional que se atravessa e a necessidade imperiosa de evitar a infiltração de doutrinas contrárias aos princípios que defendemos e cumprir defender cada vez mais intensamente, resolveu a Comissão Executiva organizar um plano de contra-ataque que começa a ser já a pôr em prática.

«Desse plano consta uma profunda distribuição de pequenos manifestos dirigidos, muito principalm-

te, às classes mais a vejadas pela campanha internacionalista: as classes trabalhadoras.

«Nesta data é enviada a V. Ex.ª uma remessa do primeiro manifesto dirigido aos trabalhadores portugueses.

«Para a distribuição destes manifestos, cumpre aproveitar todos os esforços e boa vontade das pessoas afectas ao Estado Novo, de modo a que alcance o maior número de inimigos e indiferentes, devendo evitar-se o mais possível a afixação dos manifestos nas paredes. Pretende-se uma distribuição pessoal, isto é, uma distribuição semelhante à dos manifestos de propaganda comunista.

«Devem, pois, as Comissões Concelhias empregar nessa distribuição os filiados da classe operária ou aqueles filiados que habitualmente vivem nos meios frequentados pelos operários.

«Nesta data é pedida às autoridades administrativas toda a colaboração necessária ao bom desempenho do encargo que tenho a honra de solicitar do patriotismo e da dedicação dos membros das Comissões Concelhias.

«Mais rogo a V. Ex.ª se dignar comunicar a Comissão Executiva toda e qualquer reacção que porventura venha a notar-se, com a distribuição dos manifestos nesse Concelho.»

Cópia da Circular da Comissão Executiva da União Nacional às Comissões Concelhias, enviada em 28 de Abril p.p., com o n.º 1970/53

NO PAÍS DO SOCIALISMO

O Orçamento SOVIÉTICO

A cifra total dos orçamentos soviéticos aumenta de ano para ano e corresponde ao desenvolvimento do bem estar e do conforto das massas populares soviéticas. Isto significa que o Estado, que vê aumentadas as suas receitas graças não só ao desenvolvimento do comércio, da indústria e da agricultura, mas igualmente ao maior rendimento do trabalho colectivo, investe importâncias cada vez mais consideráveis para o aumento do bem e tar dos trabalhadores soviéticos (novas escolas, fábricas, jardins de infância, bibliotecas, universidades, etc.).

Para se fazer uma ideia do aumento geral do orçamento soviético comparemos as cifras do quadro abaixo:

| | |
|---------|--------------------------|
| 1928/29 |6 bilhões de rublos |
| 1929/30 |11 |
| 1931 |21 |
| 1932 |30 |
| 1933 |40 |
| 1934 |49 |
| 1935 |64 |
| 1936 |78 |

Isto não contando com os orçamentos locais que, a serem tomados em conta e somados aos 78 bilhões de 1936, perfaziam a soma de 89 bilhões de rublos.

As receitas do orçamento de 1936 são constituídas na sua maioria (90%) por dois impostos: — o imposto sobre a cifra total de negócios e o imposto sobre os lucros das empresas produtoras do Estado.

Ao contrário do que sucede nos países capitalistas os impostos, na URSS, não são extraídos dos salários dos trabalhadores, mas sim do valor total daquilo que eles produzem e consomem.

MOSCOVO—Entre os livros recentemente aparecidos acham-se as obras seguintes da literatura mundial: «Obras escolhidas» de Horácio; «Contos» de Perrault, precursor de La Fontaine; uma nova coleção das comédias de Menandro, autor grego; uma nova edição das obras completas de Henrique Heine.

O teatro artístico de Moscovo apresentará, esta temporada, «O passado azul», de Maeterlink.

Em 1929 a indústria de pesca possuía 569 barcos a vapor, agora possui 3150.

Em 1929 a pesca soviética ocupava o quinto lugar no mundo, hoje, com uma produção de 15 milhões e meio de quintais, ocupa o segundo.

MOSCOVO—O pedido de livros soviéticos para o estrangeiro cresce continuamente. Em 1933 venderam-se livros no estrangeiro, jornais e revistas soviéticas no valor de 310.000 dólares; em 1934, no valor de 350.000 e em 1935 no valor de 380.000.

Os Estados Unidos vão à cabeça na venda de edições em língua russa; seguem-se-lhe a França, Polónia, Alemanha, Tchecoslováquia, Inglaterra, Lituânia, Estónia, Palestina e Roménia.

E' interessante assinalar que os

A VERDADE SOBRE A UNIÃO SOVIÉTICA

«Tenho ouvido dizer a muitos: "Para mim tanto faz uma ditadura negra como uma vermelha". E eu digo que finalidade procuram os que aplaudem uma ditadura negra para levar a cultura a um povo que dizem que é selvagem? Na URSS procura-se uma melhoria diferente. Ali e nstroi-se o socialismo. Constroem-se novas formas de vida.

Fui à União Soviética com uma ideologia e muitos preconceitos que ali desapareceram. Todos os trabalhadores, sem distinção, devotados pensar na obra gigantesca que na URSS se está realizando em benefício de todos nós. E se chegar o momento de agressão ao país do proletariado, tende presente que está ali a nossa salvação e que não devemos ir a actos tão desumanos onde só teríamos de esclafar-nos aos outros.»

Angel Garcia de Husca, melajúrgico, da CNT (anarquista)

«Vou fazer um chamamento aos trabalhadores da C.N.T. Todos os trabalhadores sem distinção de ideologias somos solidários com os trabalhadores soviéticos. Temos as mesmas necessidades e o mesmo inimigo. Na URSS regem-se democraticamente. A estrutura social começa na fábrica.

Tem-se falado em itinerários preparados. As delegações operárias à URSS reúnem-se democraticamente, faz-se um questionário e sobre ele traçamos o itinerário que havemos de seguir. Por todas as partes encontramos FACILIDADES PARA PODER VISITAR O QUE NOS INTERESSA. Algumas vezes, depois de terminado o nosso trabalho, voltávamos a uma fábrica, ou a um lugar publico, e ISTO NÃO SE PODE PREPARAR.»

Luiz Munos, de Madrid, chauffeur, do Partido Socialista da U. G. T.

Estas palavras de dois camaradas espanhóis, um anarquista e outro socialista, mostram o que deve ser a atitude de todos os trabalhadores perante a União Soviética.

Um anarquista espanhol não teve receio de rectificar as suas concepções e dizer claramente o

que pensava da U.R.S.S.. O camarada socialista destruiu a lenda de que, na U.R.S.S. se se mostram certas cousas porque o resto não vale nada.»

E assim, com o depoimento honesto de quantos trabalhadores que, não sendo comunistas, visitam a URSS que se consolidará o movimento que impedirá qualquer ataque à pátria dos trabalhadores.

Para conclusão destes depoimentos e sua confirmação, transcrevemos, da mesma «Rússia de Hoy» de Janeiro de 1936 a declaração da delegação operária espanhola que visitou a União Soviética em Novembro de 1935

A Delegação operária é panhola, composta de sindicalistas, socialistas, comunistas e sem partido, que visitou a União soviética durante a celebração do 18.º aniversário da Revolução, no termo da sua viagem, e havendo encontrado todas as facilidades para o cumprimento da sua missão, declara:

1.º—Que no campo político se pôde convencer de que a DITADURA DO PROLETARIADO É EXERCIDA PELO MAIORIA DO POVO e responde à vontade e interesses dessa maioria.

2.º—Que no campo sindical os SINDICATOS DESEMPENHAM UM IMPORTANTÍSSIMO PAPEL NO DESENVOLVIMENTO E CONTROLE DA PRODUÇÃO, conjuntamente com os órgãos da administração das empresas e com os órgãos do Partido, velando eficazmente pelos interesses dos trabalhadores e tendo nas suas mãos quanto se refere ao Seguro Social em todos os seus aspectos.

3.º—Que em diversos centros industriais visitados por nós, vimos verdadeiros modelos de perfeição técnica e administrativa, equipados com todos elementos de segurança e higiene necessários para o operário, com secções médicas e serviços culturais nos próprios lugares de trabalho. A esta formidável base industrial responde o actual movimento «stakhanovista», orgulho da U.S., encaminhado a tirar da técnica o máximo rendimento, com a consciência de que o aumento de produção se traduz imediatamente no bem estar dos trabalhadores.

4.º—Nas inúmeras colectividades agrícolas («Kolkozes») que visitámos, vimos realizada a entrega

de livros sobre questões sociais e económicas, assim como os de carácter técnico, são tão procurados como as obras literárias.

MOSCOVO— Há três anos surgiu pela primeira vez, sobretudo por iniciativa da juventude soviética, a ideia de se organizar um club de amadores da aviação. Desde essa data foram organizados 140 clubs deste tipo, dos quais a maior parte constituídos o ano passado. Uns dois mil jovens acabam de receber o título de piloto, o qual o significa como pilotos de reserva mas sem que, por isso, tenham sido obrigados a abandonar o único dia, o seu trabalho a fábrica ou o campo. E' um facto conhecido que o paraquedismo e o voo livre se converteram em desportos de massas,

da terra, em usufruto perpétuo, aos camponeses, que a trabalham com grande entusiasmo. Graças aos métodos colectivos de trabalho e ao constante auxílio do Estado, que facilita os elementos técnicos e mecânicos, a agricultura floresce cada para dia, notando-se um aumento enorme na produção da economia rural e, ao mesmo tempo, um aumento grande de bem-estar económico e do nível cultural dos camponeses tendo de aparecer o completo a miséria e o obscurantismo secular do campo russo.

5.º—O florescimento cultural da U.S. é uma das maiores conquistas da Revolução proletária. Mediante a nova organização da cultura, consegue-se levar a todas as massas operárias e camponeses rompendo o monopólio intelectual de uma minoria, fazendo que das massas trabalhadoras saíam os seus próprios técnicos, engenheiros, artistas e homens de ciência e marchando rapidamente para a desparição do antagonismo entre o trabalho manual e intelectual, com o DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE HUMANA EM TODOS OS SEUS ASPECTOS.

6.º—Na URSS está plenamente realizada a emancipação da mulher e a equiparação de esta ao homem, não só de um modo formal como efectivo, no campo da produção, da cultura, do desporto, etc..

A vitória sobre os velhos preconceitos levou a uma admirável convivência entre o homem e a mulher, de outro de um ambiente de grande elevação moral.

7.º—Outro dos problemas resolvidos na U.S. é a questão das nacionalidades. Dentro da URSS convivem fraternalmente em RESPEITO MÚTUO DOS RESPECTIVOS IDIOMAS E CULTURAS NACIONAIS, os mais diversos, cooperando todos com o mesmo entusiasmo no desenvolvimento do socialismo.

Todas estas conquistas NÃO TERIAM SIDO POSSÍVEIS SEM UMA UNIDADE DE ACCÃO DO PROLETARIADO E A ALIANÇA DESTES COM OS TRABALHADORES DO CAMPO. Por isso, nós, operários revolucionários de diferentes tendências sociais, consideramos que a unidade do proletariado espanhol é imprescindível para que a revolução no nosso país chegue a ser um facto, e, com a união das elites operárias, a sua aliança com as massas camponesas. E entendemos que esta unidade deverá ter como órgão de direcção a «Aliança Operária»

30 de Novembro de 1935

- Vicente Arbiol Navarro (sindicalista) maquinista—Valência.
- Francisco Mirasol Fernández, chauffeur (sindicalista) Sindicato do Transporte—Valência.
- Eduardo Pallarés Climent, trabalhador do porto—Valência.
- Juan Antonio Pérez Heredia, Artes Blancas, UGT—Madrid.
- Benito Martín Martins, Artes Blancas, UGT—Aranjuez.
- Domingo Velasco, consteirão, UGT—Madrid.



SOB A PATA DO FASCISMO SALAZARISTA

Com a Sociedade de Aduos Reis, Lda. resolve o desemprego

SACAVEM — Esta fábrica com-
pru uma «grua» (guindaste) para
os carregamentos e descarrega-
mentos de fragatas.

Fez um contracto com a Fábrica
de Louça encarregando-se das suas
cargas «a preços módicos». Até
então a Fábrica de Louça tinha os
seus próprios operários descarrega-
dores que, pelo seu esforço, algu-
mas vezes chegavam, numa jornada
de trabalho, a ganhar uns 30\$00.
Hoje a «Sociedade Reis Lda.», en-
carregou-se desse trabalho por me-
nos dinheiro, tendo ao seu serviço,
para trabalhar com a «grua» só men-
te 4 homens que têm que dar conta
de todo o trabalho. Paga 10\$00 a
cada um, embora trabalhem mais
do que trabalhavam todos os outros
da Louça.

OS 30 DESCARREGADORES
QUE FAZIAM O SERVIÇO DA
FÁBRICA DE LOUÇA, FORAM
LANÇADOS PARA A RUA.

A «Sociedade de Aduos Reis,
Lda.» mandou construir, nas suas
oficinas, uma outra «grua» pois
ficcionalmente tomar conta de todos
os descarregamentos das fábricas de
Sacavem para, dessa maneira, «re-
solver» a crise do desemprego da
classe descarregadora de Sacavem.

É extraordinário mas verdadei-
ro o caso que vamos descrever
passado na «Fábrica de Louça». É
mais uma das manifestações misé-
ráveis da «filantropia» da burguesia.
Duas operárias desta fábrica, mãe
e filha, a primeira Guilhermina da
Conceição, de 80 anos e a segunda
Maria da Conceição de 40, foram
«reformadas» pela fábrica, COM
25 (VINTE E CINCO CENTAVOS)
E 10 (DEZ CENTAVOS)
RESPECTIVAMENTE POR SE-
MANA. A «reforma» fôra arbitráda
«no tempo da vida barata» e hoje,
se bem que os preços de então es-
tejam multiplicados por 30 ou 40,
continuam recebendo a mesma
coisa.

Ao fim de uma vida inteira de tra-
balho, ao fim de uma vida inteira de
exploração, os ladrões capitalistas
dão uma esmola que não chega pa-
ra comprar um quarto de pão por
semana!

Assim procede sempre a burgue-
sia para com o proletariado. En-
quanto o trabalhador pede produ-
zir, dá-lhe o bastante para ele não
morrer de fome. Mas quando ele já
não lhe serve como instrumento de
exploração, porque esteja velho ou
doente, a burguesia despede-o,
sem se importar mais com a sua
sorte!

O caso que apontamos é também
um exemplo prático da «política de
ressurgimento nacional» e das
«boas» condições de vida do prole-
tariado português que, segundo o
capitão Salgueiro Rego, tornam o
comunismo impossível em Portugal.

Mas os trabalhadores da «Fábrica
de Louça» não podem ficar indifere-
ntes a este caso repugnante. Temos
que lutar pelo asseguramento
das condições de vida destas
duas operárias a expensas dos reis
da louça!

Elas não podem estar sujeitas a

ta nanha infâmia! Têm necessidade
de viver. Vinte e cinco e dez cen-
tavos por semana é ultrajante! É
peior do que uma esmola!

Elas não podem estar a viver
à custa dos vizinhos que
recebem salários miseráveis ou
que nada recebem se estão desem-
pregados.

OS DONOS DA FÁBRICA QUE
AS SUBVENCIONEM MAS DE
MANEIRA QUE POSSAM VIVER!

Operários e operárias da «Fábrica
de Louça»: Protestai junto dos
patrões contra a situação miserável
e ultrajante a que estão submetidas
essas duas camaradas!

Organizai comissões de protesto
na fábrica e levai os patrões a pa-
garem-lhes um salário com o qual
possam viver!

Salvaia-as da fome e da mendicid-
dade! Forçai os patrões a assegura-
rem os condições de vida dessas
camaradas e de todos os operários
que sejam considerados inválidos
pela vida de trabalho e exploração
a que estiveram submetidos na fá-
brica!

A inconsciência das autoridades de MONTIJO

MONTIJO — No dia 10 de Março
passou-se o seguinte nesta vila.

Chegou a este local um indivi-
duo desconhecido, que era portador
de um masso de manifestos da
Frente Popular.

Como a maioria da população que
a maioria da população era anal-
fabeta, não levou muito tempo a
escolher uma pessoa que lhe ti-
zesse o trabalho que ele precisava.

Encontrou um operário estar ap-
adado, que por sinal vivia na «crua»
miséria e doente e perguntou-lhe:
«quere ganhar 15 tostões?»
«Então porque não! Eu sou filho
do ganha pão.»

«Enlão vá distribuir estes progra-
mas, que é para o cinema na
quinta feira, e não dê mais do que
um a cada pessoa e só a quem
souber ler.»

O bom do homem distribuiu os
manifestos pela Havaneza, taber-
nas e barbearias e fez a distribuição
até à própria G.N.R. (!)

Houve quem lhe pedisse mais
um e ele respondeu que só tinha
ordem para entregar um a cada
possoa. Por aqui vê-se que o bom
do homem não sabia o conteúdo
dos programas. Mas os canalhas
das autoridades não olharam a
isso. No dia seguinte já andavam os
lacaiois de Salazar, como cães, à
procura do pobre homem. E o dito
operário não teve muitas horas de
liberdade. Foi metido immediata-
mente na masmorra para ser in-
terrogado e confessar quem lhe
tinha dado os programas. O ho-
mem disse que não sabia, era des-
conhecido, e como tinha fome fez
a distribuição para ganhar para com-
prar um pão e que também não
sabia o que diziam os ditos papéis.
As autoridades do local não olha-
ram a isso; tiveram o pobre do

ALCAINS — A grave crise de
trabalho, que muito fez sentir os
seus efeitos, agravou-se últimamen-
te, devido aos grandes temporais e
lançou na miséria cerca de 80% da
população desta freguesia.

Esta situação — com tendência a
agravar-se, por o estado fascista
ser incapaz de solucionar os graves
problemas económicos e morais da
sociedade burguesa — não tem me-
recida a atenção dos lacaiois do Es-
tado-Novo, e é ignóbilmente explo-
rada por um «luminar» do fascismo
local que se formou em direito pa-
ra usufruir da fortuna que a esposa
lhe confiou, e que se chama PAR-
DAL.

Este pássaro que em tempos se
dedicou ao jornalismo, com pouco
brilho diga-se em abono da verdade,
esfalfou-se a gritar aos quatro
ventos do concelho, que mais longu-
não se fazia ouvir, a excelência do
Estado-Novo, do seu programa so-
cial e a necessidade do proletariado
ingressar nos sindicatos nacionais,
para alcançar a sua carta de alforria.
A alforria que este predicador do

Estado-Novo oferece ao proletaria-
do de Alcaíns, está bem patente na
miséria dos salários que paga às
mulheres na limpeza de uma viri-
lha junto à estação (2\$50 por 12 h-
ras de trabalho e proibição de cobrir a
cabeça e cara sob o pretexto de que
assim não veriam a grama) e na
maneira de aplicar justiça (sic), por-
que este soba permite-se fazer Justiça
exigindo de uma mulher, em
extremo debilitada pela miséria e
pela doença, que lhe incorpore nas
írras, o trabalho gratuito de dois
dias nos serviços agrícolas dum
a sua filha, para pagar uma multa em
que a condenara; na exigência que
faz aos carreiros que há dezenas de
anos se serviam dum carro, à mar-
gem da estrada, devidamente au-
torizados, para pernoitarem, obrigando-
os ao pagamento de 5\$00; etc., etc.

O operariado de Alcaíns e nomea-
damente, todo o distrito de Castelo Branco, começa
a despertar e a tomar consciência
da sua força e da sua missão na So-
ciedade!

Sente que a luta se vizinha e já
não vem longe o dia da derrota do
seu inimigo seccular e fidalgo!

Por isso começa a sentir a neces-
sidade de se organizar e de prepara-
r a sua emancipação.

O Partido Comunista, com a sua
organização, com a sua ideologia
nitidamente revolucionária, é o
Partido onde deveis ingressar!

Operários de Alcaíns! Não mais
vexames! Não mais tropéias!

LADOEIRO — Vai em aumento
a onda de revolta que sentem os
trabalhadores rurais desta freguesia.
Nesta freguesia, onde o operaria-
do rural há muito não trabalha, há
fome, há miséria e há um profes-
sor primário que, por ironia, se chama
Paixão (há bem pouco tempo que
esse cavalheiro fazia parte do Par-
tido Democrático e agora aparece-
nos metamorfoseado em membro
da União Nacional).

Este professor Paixão, — símbolo
do capitalista pelo egoísmo, estupi-
dez e facilidade com que muda de
côr — levou há dias sob prisão a Cas-
telo Branco, umas mulheres que,
num ribeiro que passa por uma das
suas propriedades, foram surpreen-
didas a colher agriões que lhes iriam
matar a fome!

Não contente com a proeza, o
miserável recebeu o produto da
venda dos agriões e exigia uma in-
demnização de 20\$00 por cabeça!

Tanto egoísmo, provocou unânime
repulsa e fez reaccionar para a
defeza dos seus interesses a grande
massa dos rurais desta freguesia.

Trabalhadores do Ladoeiro! É
tempo de acordarem e começarem
a lutar pela vossa emancipação!

Essa emancipação está só depen-
dente de vós próprios, da vossa lu-
ta organizada contra os vossos ex-
ploradores e contra o Estado fascista,
ao serviço dos patrões.

Lutai com o Partido Comunista
que em breve alcançareis o bem-
estar a que tendes direito.

Viva a União soviética!

homem na cadeia 48 horas e de-
rre-lhe apenas uma pequena re-
feição. Quere dizer: como tivesse
feito tal serviço por e usa da fome,
os canalhas depois «encheram-lhe
a barriga». E ainda mais; para que
não morres e de trio, levou um co-
bretor para se tapar quando, depois,
quando veio para liberdade, não o
deixaram trazer sem pagar 12\$00
da creceragem.

Para pagar os 12\$00 teve que
andar a mendigar. Ele não mais
sua companhia.

Pos tu, camarada operário, não
estejas arrependido de fazer tal
serviço porque loste convidar todos
trabalhadores a lutar contra os ca-
nalhas que vivem à custa do prole-
tariado.

Um jovem

Na fábrica BARREIROS (Irmãos)

BARREIRO — No dia 13 de Ja-
neiro, chegaram 16 «Varinos» car-
regados de fardos de 100 a 120 quilos,
com os quais os descarregadores do
cais não podiam. Tinham que esperar
que a maré enchesse para os
puxarem para terra e depois 4 ou 5
homens levavam-nos para uma
carroça.

Sabem os camaradas quanto gan-
hou cada descarregador por cada
saco que transportou durante um
percurso de mais de 500 metros?

Nós dizemos, embora quase se
não possa acreditar: —\$35,9.

Este é um dos melhores exemplos
da exploração desenfreada da clas-
se trabalhadora. É uma das provas
mais categóricas de quanto mente
o fascismo salazarista quando afir-
ma o seu interesse por aqueles que,
para viverem, são obrigados a ven-
der a sua força.

A F. POPULAR DE ESPANHA E O CAPITALISMO PORTUGUES

Palavras e REALIDADES...

A burguesia portuguesa, armada com a vitória da Frente Popular em Espanha, faz sentir a sua voz, através a grande imprensa, amedrontada com uma próxima e completa vitória do proletariado espanhol, armando os partidos pertencentes à F. P. a destruir as "civilizações IBERICA e CRISTA.

Para o «Diário de Notícias» — órgão dos potentados da Mocidade — a F. P. não é, obra senão do P. C. que, seguindo as ordens de Moscovo, pretende trazer para Espanha a desordem, o terror e a miséria. E vai de acusar os comunistas de instigadores e rufiães e culpados dos assassinatos e incêndios. O «enviado especial QUE NÃO ASSINA AS GRONICAS SOBRE ESPANHA» publicadas diariamente no «D. N.», não tem escrúpulos em afirmar, embora o contradiga qualquer telegrama que, no mesmo dia, esse jornal publique, que os indivíduos que atentam contra a vida deste ou daquele deputado membro da F. P., são comunistas e não fascistas. Para o «D. N.» como para os outros jornais que representam a grande burguesia portuguesa os fascistas espanhóis são: um núcleo de reacionaristas, patriotas, que defendem os princípios da mocidade de Espanha, dentro da ordem e sob a influência civilizadora da religião (D. N. 19-3-36), limitando-se a sua acção: a distribuir profusamente manifestos e a enfrentar o inimigo com heroísmo, que vai até ao sacrifício da própria vida (D. N. 18-3-36). Outra coisa não poderia dizer o «D. N.» acerca dos seus artigos fascistas espanhóis, representantes do capital financeiro de Espanha.

Mas voltemo-nos mais de frente para a vitória da F. P. e para o estado da grande burguesia portuguesa.

A vitória da F. P. que varreu do poder os fascistas e todos os elementos da direita que demonstraram, enquanto no poder, o seu ódio ao proletariado e ao camponês pobre e a sua incapacidade para governar o país, veio arrancar das prisões 30.000 trabalhadores, veio impor a liberdade de reunião e de associação, veio impor a readmissão dos operários despedidos como primeira medida para a solução do problema do desemprego, permitiu a saída da imprensa operária, etc, etc. E a burguesia portuguesa amedronta-se ante a liberdade do proletariado e camponês espanhol. Amedronta-se ao saber que este pode, livremente, lutar pela conquista das suas reivindicações, sem que a garrá se lhe anteponha, na sua sede de terror e exploração. Amedronta-se porque prevê a próxima conquista do poder pelo proletariado e sabe o perigo que isso representa não para a civilização ibérica mas para os interesses «sagrados» da burguesia exploradora que nemuns direitos reconhece ao povo trabalhador.

E a sua imprensa com a missão de espalhar a lúvia pública miseráveis notícias noticiadas «DO QUE NÃO VAI POR ESTÁNH.

O perálios e camponeses, jovens e mulheres, povo português, ponde

os olhos em Espanha, olha para o que na realidade pode trazer e traz a Espanha a F. P. Vêde que não são os fascistas, como acontece entre nós — e sabeis bem o que para nós representa o fascismo que há já dez anos vem semeando a miséria e o terror, sugando-nos o nos o escasso sangue, em benefício da grande burguesia — quem governa o país, mas um governo aido da vontade do próprio povo: um governo que se opõe o banditismo fascista.

A F. P. entre nós, fechando todas as suas forças, o cr-se-á ao governo fascista «singunário» de Carmona-Salazar.

Viva o povo Espanhol que, colocando n poder a Frente Popular, livrou do terror e exploração fascista.

Viva a Frente Popular portuguesa que livrará o povo explorado e oprimido do fascismo assassino chefiado pelos Salazares Carmona e Leotórios.

De «LIBERACÃO» de 22-5-36

Este jornal espanhol, insuspeito de comunistas, pois é um jornal republicano, diz, na data acima in-

O «ESTADO-NOVO», e a Jornada Corporativa de 18 de Abril em Gaia

No dia 18 de Abril, realizou-se o governo fascista, na V. N. de Gaia mais uma grande parada de forças e de fanalistas — dizem eles — mais uma e mádi a fca — de os nós.

Os grandes rufiães diziam no dia 19, o que foi aqui já maia. Segundo eles os milhares de operários ali tubam: «corrido de monstrand» assim a sua completa concordância com a política seguida pelo Estado Novo. Nada de mais falso. Se é verdade que algumas centenas de operários ali foram, há que ver o motivo porque o fizeram. Em primeiro lugar, todas as comissões dos S. N. foram obrigadas a comparecer ali com as bandeiras dos seus sindicatos; inclusivamente, aqueles que ainda as não possuem, levaram — porque a isso foram obrigados — as antigas. — O cúmulo da fca! as bandeiras dos antigos sindicatos livres que foram assaltados e saqueados pelo próprio Estado! Entre outras apparecen ali a do antigo sindicato dos M. de Pão do Pôrto e arredores.

Alem das comissões dos S. N. foram obrigadas a classe dos Tanoeiros, Empregados dos Armazéns de Vinhos, Fosforitas, Construção Naval, Trabalhadores Fluviais do Rio Douro, e Conservedores de Matosinhos, e disposição dos quais foram postos carros eléctricos com passagens pagas. O comércio de V. N. e G. ia fechou, obrigada pelas autoridades locais.

A realidade é esta: appareceram de facto ali algumas centenas de operários, mas a isso foram coadunados pela ameaça de desedimento, além de lhes serem pagas o transporte e o dia de salário.

Quá: está então essa fé nacionalista e completa concordância

dicada, o seguinte:

«E' o «Século» o jornal que agora insulta a Espanha com deleite em nome de um reaccionarismo miserável.

«Diz n' seu editorial do dia 19 de Maio: — Os efeitos das últimas eleições legislativas espanholas tra-dozem-se, entre outras cousas, em bárbaros assassinatos...»

Isto pode dizer-se num periódico que diz exprimir a voz ministerial do país vizinho. Isto consentem a autoridades portuguesas.

«No mesmo editorial acrescenta-se: «Assiste-nos o direito de pedir que os republicanos espanhóis não deixem tranquilos!»

«Pedem-nos, além disso, que deixemos tranquilos!»

E escandalizo-me e po que a Espanha se constituiu uma entidade intitulada «Amigos de Portugal» do Portugal da verdadeira republica cuja inauguração aplaudimos, nós o e publicamos espanhóis com esse entusiasmo e levo li r l!

«S' n' or Sanchez Albornoz, embaixador de Espanha em Portugal, quando o corra se a vergo ha, que tanto se fca os que já de uma maneira pejotiva, há que ch ma «prio ass» em por cento?»

Apesar da censura, podemos contar PALAVRAS, como estas ditas na exposição do X ano, no arco Eduardo VII, no dia 23 de Maio:

«O Estado corporativo restabeleceu a paz social, o socêgo público, a continuidade, a estabilidade e a dpendência. As finanças restauram-se, debelou-se a crise económica, combateu-se o desemprego, reconstruíram-se estradas, adquiriram-se navios, e tabilizou-se a moeda, e os BENEFICIOS têm sido altos, espalhados por todo o País. onstruções, aumento de produção agrícola, amortizaçõ de dívidas, baixamento das taxas de juro, reressão da usura, etc, etc. Portugal em em todo o mundo um prestígio norm, é citado como modelo e os já nos podemos orgulhar de ser portugueses.» (Século de 29-5-35)

Com estas tristes realidades:

OLHAO, 30 — E' grave a situação em que se encontram mais de 100 operárias da indústria de conservas desta vila, na sua maioria abere osas que reclamam a justiça, assistência médica provida pelo C. P. de G. de P. i. x. Vinte dessas infelizes de entoram a lara reclamar providências do delegado do Instituto Nacional do Trabalho, sr. dr. E. t. C. L. S. nada tendo conseguido. (De «Diário de Notícias» de 5-7-35)

e estas:

OLEDQ, 4 — Dezenas de trabalhadores encontram-se de esparados e numa situação desesperada. (Século de 6-7-36)

O fascismo é o poder do próprio capital financeiro. E' a organização do ajuste terrorista de contas com a classe operaria e a parte revolucionaria dos camponeses e dos intelectuais.

(DIMITROF)

Como se fabrica a ugedad g...

Continuad, da 2.ª pagina

... manifestos pelo processo indicado, evitando-se sempre a sua publicação na imprensa e cumprindo, muito especialmente, ocultar a sua origem.

«Apantar a U. N. como editora dos manifestos e publicações anticomunistas, é grave erro e contraria absolutamente o nosso plano de acção nesta matéria.

«Agradeço mais uma vez...»

interesses dos grandes potentados da terra, da banca e da finança e que os esmaga a eles. Não. Os operários não concordam com um governo que defende os seus interesses só nas frases e nos cartazes; os operários concordam e querem um governo que defenda na realidade os seus interesses e esse governo só pode ser o deles, o governo dos operários e camponeses.

Mas antes que os trabalhadores estejam preparados para a tomada do poder, é preciso unir todas as forças anti-fascistas para o triunfo de um governo de Frente Popular que esmague o fascismo e as suas bases económicas.



As massas do Barreiro TRAVAM SÉRIA LUTA Com as forças mercenárias do Estado Novo

Apesar da selvática repressão do fascismo salazarista, com o fim de abafar toda a revolta dos trabalhadores, o movimento revolucionário prossegue dia a dia. Cada vez se acentua mais o ódio profundo de todo o povo trabalhador contra a ditadura assassina de Salazar e a revolução operária entrou já numa fase aguda.

De vez em quando, aqui e ali surgem amplos movimentos de massas, preparados ou espontâneos, que nos mostram que os trabalhadores descreem totalmente na demagogia fascista e começam a ver no caminho revolucionário a única solução dos seus problemas vitais.

O cuidado com que a grande imprensa oculta esses movimentos e o protesto contra a burguesia fascista e todos os dias apregoa "ordem e o progresso da nação" e o apoio dos trabalhadores ao Estado Novo — mostra-nos toda a inconsistência da ditadura salazarista e quanto abalo lhe produzem as manifestações hostis dos trabalhadores.

A juntar às lutas do Barreiro, no ano passado, em que toamaram parte cerca de 3.000 pessoas; a luta vitoriosa da população de Peniche, em fins do ano passado, contra as medidas do governo salazarista que impediam de ir ao mar 700 pescadores; aos recentes movimentos importantes de camponeses no Bombarral, Cadaval, Torres Novas, etc.; à luta dos taberneiros do concelho de Torres Vedras contra a Federação dos Vinhos — a juntar a esses importantes movimentos de massas há mais um a registar.

Em meados de Maio, uns sete agentes da polícia de informação foram ao Barreiro prender um operário ferroviário, electricista, de nome José Francisco. Esse camarada já esperava e tinha preparada a fuga para o caso de ser procurado. Porém, uma traição do encarregado da sua oficina — que lhe disse que chegara uma pessoa para falar-lhe num trabalho fora da vila — meteu-o nas garras da odiosa polícia. Eram 11,20 horas. Logo que o pessoal da sua oficina e das outras teve conhecimento do caso, começou a largar o trabalho. Passado pouco tempo a paralisação era geral e os operários aguardavam que a polícia passasse nas oficinas (José Francisco foi preso no escriptorio) para arrancarem o seu camarada das mãos da polícia assassina. Os esbirros, porém, viram o perigo e saíram pela parte trazeira das oficinas. Quando os trabalhadores deram pelo lôgro, a polícia já estava dentro do barco com a sua vítima.

Os trabalhadores dirigiram-se então ao barco e tentaram entrar nele. Uma força da guarda republicana guardava o barco. O heróico povo do Barreiro estava, porém, decidido a salvar o seu camarada. Entrou em luta com a polícia de informação, que fazia fogo de dentro do barco. Homens e mulheres alvejavam o barco com pedras e toda a espécie de projecteis que tinham à mão, o qual ficou com os vidros todos partidos. O inimigo estava bem armado e

venceu. O balanço dava cinco feridos, um dos quais em estado grave. Ninguém mais pôde entrar no barco e este seguiu para Lisboa só com a polícia de informação e o operário José Francisco.

Mas a luta dos trabalhadores ferroviários não tinha terminado. Às 13 horas, tocou o sinal para entrada nas oficinas e sinal de meta: de dos operários não entraram. Foram fechados as portas para que os grevistas não pudessem entrar. Alguns destes então conseguiram penetrar nas oficinas e TROUXERAM PARA A GREVE TODOS OS OPERÁRIOS, greve que durou o resto do dia.

Estava marcado bem o protesto de centenas de trabalhadores da C.P. e o do consciente povo do Barreiro. Estava demonstrado mais uma vez que o povo do Barreiro está totalmente contra a bárbara ditadura fascista jesuítica de Salazar.

QUE O POVO BARREIRENSE SE ORGANIZE DE MODO A PODER IMPEDIR MAIS PRISÕES DOS SEUS AMIGOS E PESSOAS DE FAMÍLIA!

QUE TODO O POVO BARREIRENSE AJUDE A FORMAR UMA POTENTE FRENTE POPULAR QUE DERRUBE A SELVAJEM DITADURA SALAZARISTA E SATISFAÇA AS NECESSIDADES ECONÓMICAS E POLÍTICAS IMEDIATAS DE TODO O POVO TRABALHADOR PORTUGUÊS!

Subscrição

Pró-revisão do Processo Bento, Sousa, FOGAÇA e SELEIRO

| | |
|--|---------|
| Transporte..... | 786,563 |
| Do camarada Z. | 5,533 |
| De uma criança, futuro camarada (Barreiro).... | 10,000 |
| De M. P. (Barreiro)..... | 5,500 |
| | 777,600 |

Assalto à tipografia de "O Proletário,!" Salvemos António de Jesus!

Em face da situação internacional, cada vez mais favorável às forças anti-fascistas, e ao crescente movimento anti-fascista português, a ditadura salazarista entrou numa fase de defesa desesperada. Todos os meios servem aos fascistas portugueses para manterem a sua violenta dominação — desde as torturas mais horríveis às provocações mais infames, como fazer sair manifestos em nome do Partido Comunista, para lançar a confusão entre os trabalhadores, etc..

A última proeza da nojenta polícia de informação foi o assalto à tipografia de "O Proletário", na madrugada do dia 12 deste mês. Nella foi preso o dedicado militante da Comissão Inter-Sindical, camarada António de Jesus.

A importância material da perda é grande. E a perda daquilo que se conseguiu à custa de anos de sacrifícios e de riscos constantes. Mas não julgue a miserável burguesia que paralisa a actividade da CIS. O movimento sindical revolucionário conta hoje vários milhares de militantes dedicados e por isso não pode ser destruído.

A esta hora está António de Jesus a pagar com as torturas mais brutais a sua dedicação à causa do proletariado.

O Partido Comunista Português convida todos os trabalhadores a exigirem a cessação das torturas a António de Jesus e a sua comunicabilidade, assim como a contribuir para uma subscrição nacional a favor da montagem de uma nova tipografia para "O Proletário".

Viva a Comissão Inter-Sindical!
Abaixo a ditadura assassina dos trabalhadores!

NOVAS VIOLENCIAS EM ANGRA

Continuação da 1ª página

que, com Mendes Norton à frente queriam fazer a Revolução dos Trabalhadores (!) para cá porem o rebento de D. Miguel, o senhor rei D. Duarte II.

Foram estes os amaldiçoados. Era esta a amnistia que o povo português conquistara para os seus melhores filhos, presos à ordem do capitalismo fascista!

Entretanto a máscara de bondade salazarista caía e o cérebro aberrante de Manuel Rodrigues lançava cá para fora o projecto de assassínio dos anti-fascistas presos.

A amnistia era a burla, o fictício, mas agora, o Tarrafal, em Cabo Verde, na ilha mais desértica, sob um sol escaldante, sem quaisquer recursos de vida, era uma realidade tristíssima para todos os presos e para o povo português que luta por eles, cá de longe.

Não bastavam as masmorras tuberculizantes do Governo Civil, de Angra e Peniche não chegavam os tormentos da Polícia (os «safanos» evangélicos de Salazar) a Poterna e o Calejão de Angra — a Prisão Maldita!

Não. Tudo isso era pouco.

Que importava que os presos fossem lançados para essas grutas húmidas eregeladas, se os seus carrascos nem sequer fazem uma ideia do que isso é?

Que importava que Filipe José da Costa, agredido à coronhada, com os dentes partidos e a deitar sangue pela boca fô se para o Calejão?

Que importância tem que se esteja cometendo em Angra a maior violência prisional de todo o domínio da Ditadura?

Segundo as nossas últimas notícias «HA 3 SEMANA QUE 30 CAMARADAS DA CASERNA 2 SE ENCONTRAM NO CALEJÃO. Alguns deles estão tolhidos de reumatismo. O médico, como HA 6 MESES não recebe ordenado, não quer lá ir».

Nessa cavaleriza considerada imprópria para cavalos, porque lá morriam, têm estado e estarão os nossos 30 camaradas. E a morte que paira sobre eles se não os so-

correremos. Tudo isso nada representa para a ditadura assassina de Salazar (Carmona)

Isto nada vile nem chega à ansin criminosa do salazarismo. Por isso, busca o Tarrafal, procura nas regiões africanas o isolamento, o mau clima que permitam as violências sem nome do regime que mantém a exploração do Povo português.

Nós não descansaremos, porém, na luta pela Amnistia verdadeira. Como não descança o SVI e a Federação de Solidariedade da CGT que acabam de editar um folheto distribuído por todo o país a descrever o criminoso regime de Angra. Como não descansarão as famílias dos presos que, continuamente, têm ido ao ministério do Interior apresentar as suas reclamações, indiferentes às violências policiais que sobre elas se levantam.

Há que marchar unidos para libertar todos os nossos presos.

Comunistas ou anarquistas, socialistas, republicanos ou livre pensadores todos somos vítimas da opressão de salazar e todos queremos mais felicidade e pão para o povo português!

Unamo-nos, pois, e demos todos os nossos esforços ao Comité Nacional Pró-Amnistia que já está formado e abraça vários organismos de solidariedade anti-fascista.

Viva a organização única de Solidariedade!

ÚLTIMAS NOTÍCIAS DE ANGRA

De uma carta-circular da Organização Libertária da Fortaleza de Angra, dirigida às famílias dos presos, extratamos as notícias que seguem, na impossibilidade de publicarmos aquela carta na íntegra:

Os presos da sala n.º 2, num total aproximado de 40 homens, encontram-se de castigo no «Calejão» desde o dia 24 de Maio. Nesse antro infecto, húmido, têm que cozinhar as suas refeições e têm que viver amontoados.

No dia 19 de Junho, por estes presos terem pedido providências porque havia quatro horas que lhes faltava a água, uma sentinela da guarda republicana disparou um tiro para dentro da prisão, por ordem do cabo de serviço. A bala rebentou contra a abóbada de granito. Os fragmentos atingiram os seguintes presos, que ficaram feridos, os dois últimos dos quais em estado grave, tendo que dar entrada no hospital: Virgílio Barroso e Manuel Simão, de Silves; José Ramos dos Santos, de Tavira; Manuel Carvalho Rodrigues e Manuel Gomes Cascarejo, de Lisboa; e José Ventura Paixão, de Coimbra. Esta brutalidade originou fortes protestos dos presos de outras casernas. Os carcereiros tentaram impôr silêncio pela força das equipagens tendo ainda disparado um tiro contra os presos da sala n.º 6, o qual, felizmente, não atingiu ninguém.

Trabalhadores portugueses! Enviai energicos protestos ao Governo contra os crimes na Fortaleza de S. João Baptista!

SALVAI DA MORTE OS PRESOS DE ANGRA!